

XI CODS

COLÓQUIO DE ORGANIZAÇÕES,
DESENVOLVIMENTO E SUSTENTABILIDADE

BELÉM-PA, 10 E 11 DE NOVEMBRO

ARTES NAS RUAS: A RELAÇÃO DO GRAFITTI COM A CIDADE DE BELÉM

AUTORIA

Lorena Barbosa Lago

E-mail: lorena.lago@hotmail.com

Instituição de filiação: Universidade da Amazônia (UNAMA)

RESUMO

É necessário mostrar a importância do grafitti dentro de uma cidade como Belém, que cada vez mais vem ganhando ares de grande centro urbano, na valorização do espaço público pela população, pelos poderes públicos e na interação com as obras desses artistas grafiteiros, que muitas vezes permanecem anônimos, mas que passam a sua mensagem através de suas imagens que são sua voz para o mundo. O objetivo deste artigo é falar sobre de que maneira as mulheres estão inseridas dentro do cenário do grafitti, mais especificamente, dentro da cidade de Belém e adjacências, mostrando a arte de três mulheres do Pará. As artistas que atuam no cenário do grafitti na paisagem urbana são: Adriana Maria Chagas dos Santo (Drika Chagas), Lays Lago e Marcelly Gomes Feliz (Cely Feliz). A paisagem urbana modificada por essas artistas com seus processos criativos, permite uma nova leitura da cidade carregada de significado, onde é possível se comunicar com a sociedade e com ambiente construído.

Palavras-chave: Artes. Ruas. Grafitti. Belém. Mulher. Paisagem Urbana.

Eixo Temático: Jovens Pesquisadores

1. INTRODUÇÃO

O grafitti e a pichação são manifestações visuais da cultura Hip Hop, saíram dos guetos, das ruas e surgiram das minorias. Não se pode falar de grafitti sem antes entender onde surgiu, os primeiros resquícios foram as pichações nos anos 60, nas ruas de Paris, quando os muros serviram de apoio para manifestações de caráter político. O movimento conhecido como “Maio de 68”, foi uma onda de protestos em que estudantes de grandes universidades parisienses lutavam contra regras, regimes, desigualdades sociais e da política retrograda das instituições de ensino (ABRANTES, 2018).

Nos anos 70, as pichações invadem as ruas de Nova Iorque, despertando a atenção da imprensa local. O primeiro a fazer isso foi o TAKI 183, um morador da rua 183, em Washington Heights, um dos guetos de Nova York (LIMA, 2013). O artista surge com o intuito de evidenciar a periferia, mostrando nas suas pinturas as singularidades étnicas desses espaços, para que fossem aceitas. Suas obras são carregadas de mensagens de efeito políticos e poéticos. Sua marca passou a se consolidar no sistema de metrô da cidade, local que TAKI 183 faz a sua principal tela, já que se tratava de um ambiente com grande fluxo de pessoas e usado por todas as classes sociais.

Os pichos do nova-iorquino se espalhavam pelo interior do metrô, era possível encontrar seus desenhos nos vagões, por dentro e por fora dos trens. Usando spray e canetões de feltro deixava suas mensagens para provocar os passageiros do transporte público. TAKI 183, assim como os pioneiros do movimento, gostava de ser chamados de *writers*¹.

É importante ressaltar que a cultura Hip-Hop, que tem como pilar o *RAP*² e o *Break*³, tem um enorme impacto na juventude periférica de Nova Iorque (GOMES, 2017). Já que se trata de um movimento que unificou o sentimento de pertencimento do jovem à cidade, diminuindo assim a divisão que foi criada depois da revolução industrial, onde negros, outras etnias, e pobres, foram “separados” das classes de elite da cidade, sendo divididos por bairros nobres e guetos, a chamada “cidade dividida pelos trilhos”, como são conhecidas pelos anglo-saxões. No Brasil não foi diferente, tendo seus primeiros resquícios na época da ditadura militar, que se iniciou em 1964, onde os muros foram usados para fazer protestos políticos.

¹ Palavra em inglês que significa escritores. Termo usado para denominar os pichadores da época;

² Estilo musical norte-americano que significa “Rhythm and Poetry”, em português, “Ritmo e Poesia”;

³ Estilo de dança de rua ligada ao movimento hip hop;

No entanto, Antenor Lara Campos, mais conhecido como “Tozinho”, dono de um canil, em São Paulo, sem dúvida foi um dos primeiros pichadores que mais teve notoriedade, pela insistência em pichar nos muros da cidade a frase “Cão fila 26km”, sua intenção era fazer a propaganda de seu canil que se situava no km 26 da estrada de Alvarenga. Com efeito, a insistência por pichar os muros da cidade com tal frase acabou por influenciar o movimento da pichação, embora a sua motivação fosse distinta da deles (MORGADO, 2011).

A palavra Grafitti, no Brasil, foi denominada como uma intervenção não necessariamente autorizada, com uma preocupação estética que teve início com a técnica do *Stencil*⁴. Com o tempo, o grafitti começou a ser mais valorizado e passou a ser associado a um investimento estético, mas continuava trazendo grandes influências da música Hip Hop e no movimento tropicalista. Sua maior forma de expressão era fazer críticas contra imposições culturais, desigualdade social e políticas públicas.

Como em outros países, também não foi fácil para o poder público se adaptar à arte do grafitti. Tendo ela sido marginalizada por diversos anos, em meados dos anos 80, o movimento tomou mais força, ao mesmo tempo em que foi fortemente criticado por ser colocado pelo poder público como prática de vandalismo e pichação. Porém, nessa mesma época foram criados projetos e autorizações para que essas intervenções artísticas continuassem a acontecer na cidade, começando a ser admirados como arte e não mais como uma depredação de patrimônio público.

Belém possui uma vasta lista de grafiteiros na ativa, que abordam constantemente em suas obras temas culturais e de protesto nos muros da cidade, valorizando não só a cidade em si, mas também a sua história. A intenção deste artigo é apresentar de que maneira o grafitti interfere no dia a dia da população e se relaciona com a mesma, através da mensagem sugerida pelo artista criador, como essa obra influencia na arquitetura urbana e modifica o cenário, trazendo uma nova percepção sobre as relações entre o meio urbano e o habitante da região.

O grafitti pode, ainda, gerar mais discussão sobre os temas abordados, assim como sobre a função social e a existência do grafite enquanto arte contemporânea, assim como valorizar a importância que ele tem dentro da sociedade, em como ele transforma a estética da cidade, ao mesmo tempo que serve de protesto, conscientizando pessoas através da arte, bem como poder colaborar com o turismo.

⁴ Técnica de destampar algo por meio de uma prancha que apresenta um desenho já recortado.

É importante registrar que é possível demarcar e valorizar o trabalho de mulheres grafiteiras, na arte de grafitar, lembrando que este não é um mundo apenas masculino, existem muitas artistas talentosas que tem produzido inúmeros trabalhos artísticos e de cunho social fantástico.

Assim, analisar sobre a relação do grafitti com a cidade de Belém, dando ênfase as mulheres grafiteiras, mostrando que este não é só um universo masculino e que existem muitas artistas talentosas que fazem trabalhos maravilhosos nessa ramificação do mundo das artes será o objeto desse artigo.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o andamento do artigo foram realizadas pesquisas bibliográficas, inicialmente se caracterizando por um levantamento e análises de referenciais teóricos por meio de artigos publicados, publicações online, monografias e etc., tornando relevante o aprofundamento do assunto abordado.

Como base de pesquisa bibliográfica, foram utilizados autores como Lucrécia Ferrara e Luiz Gonzaga de Mello, quando tratamos sobre os signos das cidades. Janes Jacobs, quando tratamos de trazer a população de casa para ocupar os espaços públicos, quando a autora diz:

“Se as ruas de uma cidade parecerem interessantes, a cidade parecerá interessante; se elas parecerem monótonas, a cidade parecerá monótona. Mais do que isso, e retornando ao primeiro problema, se as ruas da cidade estão livres da violência e do medo, a cidade está, portanto, razoavelmente livre da violência e do medo”. (JACOBS, 2011, p. 30).

Este trabalho vai abordar o trabalho de três mulheres paraenses. Artistas que atuam no cenário do grafitti, tanto local como no mundo. Trata-se de Adriana Maria Chagas dos Santos, a Drika Chagas, Lays Lago e Marcey Gomes Feliz, mais conhecida como Cely Feliz.

3 PROCESSO CRIATIVO

Todo processo criativo se dá através do consciente e do inconsciente do cérebro, onde essas ideias surgem baseadas em experiências eternizadas, sonhos, traumas, habilidades e intuições. Existe uma análise de tudo o que foi vivido, sentimentos e pensamentos, que ficam armazenados e influenciam em toda criação de uma obra. Como experiências são presenciadas de formas diferentes, cada artista tem uma maneira peculiar de lidar com o seu processo criativo e de colocá-lo para fora, essa

criação pode se dar através de vários tipos de panorama. É necessário identificar a base do que o artista deseja criar naquela obra, encontrar meios de como aplicar da melhor maneira a ideia, estabelecer diretrizes para executar e concretizar a atividade. Esse processo a criação se dá por meio de duas perspectivas: a da descoberta, que é a compreensão de algo que já existia, mas não se tinha conhecimento sobre a existência e por meio da Invenção que o ato de criar um novo conceito, elemento ou objeto.

É importante inovar e estimular constantemente a criatividade, através de técnicas que atijam a capacidade de assimilar, como leituras, cores, imagens e a percepção do artista com o espaço em que vive. É necessário conhecer a melhor maneira de alimentar o próprio processo criativo, de forma rápida e fácil, com o tempo isso se torna algo mais acessivo, tornando a descoberta de cada novo processo algo cada vez mais instantâneo.

A cidade carrega significado, comunica através da sua sociedade e seu ambiente construído. Howea et al. (2013), afirma que por meio da experiência corpórea é possível que habitantes de uma cidade se relacionam, deixando-nos pensar a cidade como um corpo, aonde é possível tocar e sentir as marcas do seu passado. Se a cidade é um corpo, pode-se utilizar a analogia de que a paisagem urbana foi danificada e possui hematomas, cicatrizes, por tanto ruas e prédios podem ser reparados, revitalizados ou renovados. Pode-se imaginar que o grafitti é uma tatuagem? E cobrir esses hematomas ou revitalizar os espaços da cidade com essa arte, pode simbolizar o que em cada lócus?

Com frequência os habitantes cobram de seus legisladores que a cidade tenha suas imperfeições corrigidas e reformadas, mas o que seria da cidade sem suas rachaduras, a pavimentação de centros históricos que revelam o asfalto e partes de elementos em pedra do século XIX. De certa forma é na gentil decadência da cidade que aparece a sua personalidade e, portanto, deve-se atentar para o equilíbrio entre as imperfeições que a caracteriza e as conformações, sob seus processos criativos, que a torna acessível e segura para os seus moradores (HOWES et al., 2013).

3.1 Drika Chagas

Adriana Maria Chagas dos Santos, é uma Brasileira, nascida em Belém do Pará, no ano de 1985, se graduou Artes Visuais, no ano de 2008, pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

Possui trabalhos e exposições coletivas, em espaços da cidade, já realizou mais de oito exposições individuais e mais de 14 coletivas, em suas obras, ela retrata

diretamente o alargamento fronteiro de representações de vida dela, de outras pessoas, experiências culturais, explorando formas de texturas e de desenhos, suas obras desenvolvem sobre o surrealismo, entre a melancolia e a comicidade.

Nos desenhos da artista, podem-se notar influências de grafittis da década de 1980, uma grande referência para ela é o artista americano Jean Michel Baquiat. Chagas sempre recria cenas culturais da cidade, com manifestações políticas e sociais, de maneiras refinadas, em suas artes. Faz comumente o uso de stencil em seus trabalhos, arte é fortemente ligado ao muralismo contemporâneo e a arte pop, sempre misturando o grafitti primitivo de rua a outros objetos do cotidiano, como mesas, bancos, portas, vai além dos muros e invade casas e estabelecimentos.

A paraense fez também trabalhos e oficinas na região das ilhas do Pará, como na ilha do Combu, Cotijuba, Mosqueiro, Outeiro e no Marajó.

3.1.1 Processo criativo Drika Chagas

Em suas obras, ela retrata diretamente o alargamento fronteiro de representações de vida dela, de outras pessoas, experiências culturais, explorando formas de texturas e de desenhos, suas obras desenvolvem sobre o surrealismo, entre a melancolia e a comicidade.

Sua arte é fortemente ligada ao muralismo contemporâneo e a arte pop, sempre misturando o grafitti primitivo de rua a outros objetos do cotidiano, como mesas, bancos, portas, vai além dos muros e invade casas e estabelecimentos.

Suas artes possuem duas vertentes, o trabalho independente, em que ela pega os próprio materiais, vai para rua e faz a arte de grafitti, onde interage com o público através do contato urbano e existe o trabalho de galeria, voltado para as artes visuais, onde exige uma agenda, um conceito, processo de experimentação inicial com esboço e estudos deles, por fim, a ocupação da galeria através de intervenções e telas.

Todo o seu trabalho artístico é um processo e pessoal, a artista diz que não tem tendências de cores preferidas, existem fases em que ela gosta de trabalhar com cores mais fortes, outras que gosta de cores mais claras ou nodes, isso tudo depende do ciclo de inspiração que ela se encontra. Em suas intervenções, Drika Chagas costuma usar basicamente tintas acrílicas, rolos de diversos tamanhos, latas de spray e vários *caps*⁵.

⁵ bicos de sprays com diferentes traços e formas.

Algumas de suas artes são reflexões sobre a situação política e social, de lugares onde grafita. Seus grafittis quase sempre têm intervenções diretamente ligadas ao feminino e a ocupação de mulheres em territórios urbanos, além da mistura disso com a cultura amazônica, através de símbolos locais e cores vigorosas da cultura paraense, suas personagens femininas se harmonizam com a cultura paraense.

3.2 Lays Lago

Lays Lago é uma artista paraense que começou no mundo das artes aos 2 anos de idade, apesar de ter começado muito nova no mundo das artes, apenas no ano de 2018 começou a grafitar profissionalmente em paredes, o que a fez expandir as perspectivas dos seus trabalhos e aumentar o leque de artistas que admira, dentre eles artistas internacionais, como Frida Khalo e Yayoi Kusama, brasileiras como Margaret Keane, Joana Uchôa e Maya Jurisic e também artistas paraenses como Layse Almada, Michelle Cunha, Moara Brasil e Sagita Collage.

Lays, ao longo dos anos adquiriu uma forte alergia as tintas spray, a melhor solução encontrada foi o uso das canetas Poscas, permanentes que conseguem pintar muitas plataformas, vão além de paredes, assim ela jamais se deixaria estagnar ou de expandir suas ideias em seu trabalho, sem perder a sua identidade visual.

3.2.1 Processo Lays Lago

A artista conta que é muito instintiva e visual, nas cores que utiliza em suas obras, raramente planeja que cores vai usar em seus desenhos, Lays diz que o uso delas são conforme seu estado de espírito, há momentos que ela sente necessidade de usar cores quentes, em outros, se estiver angustiada, seus desenhos terão cores mais frias, tudo depende do que a seu corpo e alma querem passar naquele momento, para suas obras. Porém, revela que suas preferencias são paletas de cores quentes e tons terrosos, a cor quente seria como a sua alma, a terrena, seria como seus pés calejados. A arte funciona como um processo terapêutico para ela, onde vai se entendendo melhor como ser humano, a cada pintura feita.

No processo de criação a artista usa canetas permanentes, spray fixador e tem se aventurado na tentativa do uso das tintas acrílicas. Suas pinturas são quase sempre sobre coisas vividas por ela, sonhos, aspectos sofridos na infância, relacionamentos abusivos, vividos na adolescência e sobre como lidar com o seu transtorno de personalidade, abordando assuntos como depressão, loucura, histeria, abusos no geral.

3.2 Cely Feliz

Marcely Gomes Feliz é uma artista paraense, nascida na cidade de Belém, em 1985. Desde a infância a artista sempre gostou de desenhar, apesar de amar pintar as paredes do seu quarto, a sua maior influência foi ver os *b. boys*⁶ de sua rua grafitando os muros do bairro do Bengui, onde cresceu.

Para Cely o grafitti é efêmero e a maioria dos que faz tem curta duração, o que acaba sendo natural das artes de rua, não são valorizadas da mesma forma que a pintura em uma galeria de arte. Marcely, aprendeu ser desprezada com suas artes de rua.

Não existe uma paleta preferida, elas são sempre escolhidas de acordo com a temática e visual que ela quer passar, porém faz questão de colocar duas cores que chamem atenção, como principais nos desenhos. Apesar de seu material preferido ser o spray, a artista cria com o que estiver disponível. Suas referências nas artes são grafiteiras como a paraense Mina Ribeiro, a pernambucana Gabi Bruce, as cariocas Criola, Bia Vieira, o Coletivo das Minas, em Belo Horizonte, entre outras.

A artista tem alguns grafittis espalhados por algumas ilhas do Pará, Marajó, Muaná, Soure, Salinas e em Colares e também alguns espalhados pelo Brasil, como Em Cabo Frio (RJ), Iguaba grande (RJ), no museu de José de Dome (RE), em Moreno (PE) e em Brasília.

3.2.1 Processo Lays Lago

Quando perguntada sobre as cores, Cely diz que não existe uma paleta preferida, elas são sempre escolhidas de acordo com a temática e visual que ela quer passar. “Claro que existe uma ornamentação na pintura, para que elas conversem entre si, mas não uma regra”, conta a artista. Porém, ela faz questão de colocar duas cores que mais chamem atenção como principais nos desenhos. Lembra que começou pintando com tinta acrílica, bisnaga e pouquíssimo spray, pois é um material bem caro e que muitos artistas por isso, acabam optando pela mistura de vários materiais, na composição do grafitti, mas que o seu preferido é spray, porém cria com o que tiver disponível.

Mas suas principais inspirações não estão na terra, mas sobre ao que veio fazer aqui, na terra, sobre ter essa habilidade e qualidade adquirida em algum momento de vidas passadas, que deve desenvolver e retratar ao máximo, visualmente, pois a criação para ela é alto espiritual, abstrato. É uma sintonia e frequência de energia, do momento em que viveu.

⁶ O termo refere-se ao garoto que dança break, um dos elementos artísticos da cultura hip hop.

4. GRAFITE X PICHANÇA

O costume de escrever e desenhar em paredes sempre ocorreu, existem evidências que desde as antigas moradias dos primatas, já existia essa prática, se perpetuando pelos templos gregos, romanos, pelas pirâmides do Egito, até chegarem nos muros das cidades.

No Brasil, foi na década de 80, na cidade de São Paulo através do movimento Hip Hop, onde jovens da zona sul, leste, oeste e ABC paulista, começaram a pichar os muros da periferia da cidade, configurando pela sociedade como um movimento de negros periféricos. Foi apenas nos anos 90, que a pichação saiu das favelas e foi para os muros das ruas de elites e prédios, mas sua aceitação ruim lhe rendeu uma campanha de criminalização da pichação e com isso começou o incentivo do grafitti para embelezar a cidade.

A prefeitura iniciou o incentivo de diversos grafittis pela cidade, com isso surgiu nicho de grafiteiros de elite, criando galerias próprias para esse tipo de arte. Esses artistas se caracterizavam por pessoas de classe média e alta, que viajavam para outros países e tinham o contato com os grafittis desses lugares. Diferente de outros lugares do mundo, no Brasil começou ao contrário, a arte de grafitar veio da elite e depois para a periferia.

Quando falamos de pichação e grafiteagem, imediatamente associamos a ideia de que são duas coisas totalmente distintas. O grafitti se caracteriza por ser mais elaborado, se preocupa com a estética, composição e é permitido pela lei, ao contrário do picho que se apresenta como um ato escasso de beleza, de ação rápida, desprovido de elaboração artística e um ato não legalizado, contudo, é muito comum conhecer artistas grafiteiros que antes eram pichadores ou que no tempo vago, fazem pichações.

Segundo Ramos (1994), a pichação é um processo anárquico de criação, onde a intenção é provocar, marcar presença e chamar atenção, de uma maneira forte, chocante e agressiva visualmente. Já o grafitti, mesmo contendo protestos em muitos de seus desenhos, se caracteriza como algo mais suave, com mais cores, elaboração e uma tentativa de chamar atenção de maneira amena. Porém, ambos dão uma nova visão nos habitantes da cidade e são capazes de causar estranhamento, desconforto e reflexão.

Aos pichadores interessa mais o ato, o rito, o aparecer, o transgredir, e menos o processo criador. A eles o resultado estético não é só secundário, como chega, em alguns casos (como nos rabiscos e palavrões), a ser algo a ser

desafiado; já que, com uma estética dissonante que busca o rabisco, o sujo, mais transgrede os padrões da cultura e, logo, mais se chama atenção sobre si e sobre o trabalho. (RAMOS, 1994, p.49).

Muitos praticantes do grafite e da pichação, não veem diferença entre suas artes, o que difere eles são justamente o preconceito social, por parte da sociedade, uma vez que o picho é naturalmente associado com a periferia, enquanto o grafitti acabou sendo associado e muitas vezes realizado por pessoas de classe média.

Na figura 6, podemos entender claramente que tanto a pichação, quanto o grafitti são dois instrumentos de protesto, que a pesar de terem estéticas diferentes, esperam causar reflexão na sociedade. Por isso o picho acaba sendo respeitado por muitos grafiteiros, pelo fato de conseguirem entender que apesar de não existir um empenho em embelezar aquele protesto, é um grito de socorro e uma tentativa de conscientizar a sociedade ao que tem de errado nela. Muitas vezes a pichação são feitos por pessoas que não tem direito de voz na sociedade, constantemente caladas por sua raça ou poder econômico.

5. CONCLUSÃO

Esta pesquisa conclui que o grafitti vem crescendo nas zonas de Belém e adjacências. Tornou-se comum encontrar essas obras em todos os cantos da cidade, porém, é necessário um mais incentivo a esta arte de rua, porque existem muitas pessoas que não compreendem a proposta do movimento. Faz-se necessário entender as diferenças entre o grafitti e a pichação, que apesar de não ser esteticamente bonita, é uma forma de protesto de pessoas que não têm voz na sociedade, nesse momento é preciso dar oportunidades e ressocializá-las, pois esse é um problema das políticas públicas.

É importante criar um conceito novo sobre a grafiteagem, ela não é um universo exclusivamente masculino, existem muitas mulheres em Belém, que apesar de talentosas são esquecidas. É também observado que a arte de rua ajuda a gerar um fluxo de pessoas, incentivando o turismo, o comércio local e colabora para deixar ruas da cidade menos soturnas e perigosas. Percebe-se que a população vem recebendo o grafitti de forma mais natural, buscando, mesmo que a curtos passos, valorizar e entender as mensagens que os artistas procuram passar em suas obras.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, B. História do grafite: conheça a história dessa arte! Jul., 2018. Disponível em: <<https://www.stoodi.com.br/blog/2018/07/25/historia-do-grafite/>>. Acesso em: 2 nov. 2019.

ASSIS, M.D.P. Identidade negra e espaço educacional: vozes, histórias e contribuições do multiculturalismo. Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 123, p. 709-724, set./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v34n123/a10v34123>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

ASSIS, S.A.B. A mulher e a arte urbana amazônica: O grafite feminino de Drika Chagas. Estúdio, Lisboa, v. 3, n. 5, p. 86-90, jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S164761582012000100015&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 06 dez. 2019.

BARBOSA, L.C. Mural de Kobra na av. 23 de maio é completamente apagado pela prefeitura, Cotidiano, jan., 2017. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/01/28/mural-de-kobra-na-23-de-maio-e-completamente-apagado-pela-prefeitura-de-sp.htm>>. Acesso em: 24 nov. 2019.

BARCHI, R. Pichar, pixar, grafitar, colar: Os discursos e representações sobre as pichações nas escolas analisados na perspectiva ambiental e libertária, Teias, Rio de Janeiro, ano 8, n 15-16, jan/dez 2007. Disponível em: <<file:///E:/Downloads/24016-76847-1-PB.pdf>>. Acesso em 23 out. 2019.

BLAETH, L., POSSA, A.C.K. Arte, grafite e o espaço urbano. Palíndromo, n. 8, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/viewFile/3458/2479>>. Acesso em 11 nov. 2019.

BOBNIC, R. Taki 183, 2014. Disponível em: <<https://radiostudent.si/kultura/objekt-meseca/taki-183>>. Acesso: em 2 nov. 2019.

CAPITAL Y CRISES, 2015. Seminário de teoria crítica del valor-trabajo. Disponível em: <<https://capitalycrisis.wordpress.com/category/la-barbarie-del-capitalismo/page/2/>>. Acesso em: 1 nov. 2019.

CHAGAS, D. Boletim urbano, 2019. Disponível em: <<http://www.dlv.natura.com.br/www/nossas-marcas/urbano/boletim->

belém/cidade-velha>. Acesso em: 24 out. 2019.

CHAGAS, D. Portifólio. 2017. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1kxbY6vo4KgcEEfQagwE2i1WZqohmJDZH/view>>. Acesso em: 22 nov. 2019.

Conceito de estêncil, sd. Disponível em: <<https://conceito.de/estencil>>. Acesso em: 22 nov. 2019.

COSTA, M.R; MENEZES, J.A.; SAMICO, S.L. Para Além das rotas preestabelecidas: as tensões de gênero em um mutirão de grafite. Athenea Digital, v.13, n.3, p: 57-74, nov., 2013. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/537/53728752005.pdf>>. Acesso em 22 out. 2019.

CRUZ, E. História de Belém. Belém: UFPA, 1973. 2 v. (Coleção Amazônica. Série José Veríssimo). Disponível em: <http://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/89>. Acesso em: 2 nov. 2019.

CRUZ, E. Ruas de Belém Belém: CEC 1970

CRUZ, V. Festival Cura transforma rua Sapucaí no primeiro mirante de arte urbana do mundo, nov., 2018. Disponível em: <<https://www.feiracultural.art.br/2018/11/27/festival-cura-transforma-rua-sapucaí-no-primeiro-mirante-de-arte-urbana-do-mundo/>>. Acesso em: 2 nov. 2019.

D'ALMEIDA, G. T. Belém/PA: Diversidade e vitalidade urbana, 2013. Disponível em: <http://percorrendobelem.blogspot.com/2014/02/belempa-diversidade-e-vitalidade-urbana_7.html>. Acesso em: 22 nov. 2019.

DORNELAS, L. Movimento hip-hop organizado do Pará comemora 25 anos com a seletiva do Red Bull BC One em Belém, maio, 2018. Disponível em: <<https://www.redbull.com/br-pt/a-historia-do-movimento-hip-hop-no-para>>. Acesso em: 2 nov. 2019.

EKOSYSTEM.ORG. sd. Disponível em: <http://www.ekosystem.org/tag_big/train/page/13>. Acesso em 1 out. 2019.

Entrevista Cely Feliz - Ratinhas Crew (Vídeo). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=C9gOAb5JF8w>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

FELIZ, C. Hip Hop no Pará (Vídeo). Disponível em: <<http://celyfeliz.yolasite.com/say-hello.php>>. Acesso em: 24 out. 2019.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Os Significados Urbanos. São Paulo: FAPESP 2000.

FERREIRA, L. Mensagem contra o estupro é pichada nos muros do centro de ITZ, abr., 2014. Disponível em: <<https://imirante.com/imperatriz/noticias/2014/04/15/mensagem-contra-o-estupro-e-pichada-nos-muros-do-centro-de-itz.shtml>>. Acesso em: 3 nov. 2019.

FILARDO, P. Pichação (pixo): histórico (tags), práticas e a paisagem urbana, Revista Vitruvius, n 16, dez. 2015. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.187/5881>>. Acesso em 22 out. 2019.

FOCO NO JARDIM. Cão Fila KM 26 – O Início da pichação. Blog Oficial, 2019. Disponível em: <<http://www.foconojordimiriam.com.br/2019/03/10/cao-fila-km-26/>>. Acesso em 28 nov. 2019.

FOLHA. Prefeitura diz agora que prazo para restauro de pichação é de 72 horas, cotidiano, mar., 2017. Disponível em: <<https://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/03/1863866-prefeitura-dizagoraqueprazopararestaurodepichacaoede72horas.shtml?cmpid=facefolha>>. Acesso em: 24 nov. 2019.

FREITAS, T.T. Mulheres e graffiti: construindo imagens nas ruas de Belém do Pará, Fotocronografias, jun., 2018. Disponível em: <<https://medium.com/fotocronografias/mulheres-e-graffiti-construindo-imagens-nas-ruas-de-bel%C3%A9m-do-par%C3%A1-2a52c2f7a465>>. Acesso em 2 nov. 2019.

FREITAS, T.T. Pintando com elas: uma etnografia a partir do coletivo de graffiti Freedas Crew Dissertação de Mestrado. 2017. 171p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará. Belém. Disponível em: <<http://ppga.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20FINAL%20site.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2018.

GABBAY, M.M. Representações Sobre O Carimbó: Tradição X Modernidade. IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte – Rio Branco – AC – 27 a 29 de maio 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2010/resumos/R22-0223-1.pdf>>. Acesso em 23 out. 2019.

GIGANTE, S.P. Os gêmeos, 2009. Disponível em: <
<http://www.osgemeos.com.br/pt/projetos/gigante-vale-do-anhangabau-sao-paulo-brasil/>>. Acesso em: 30 out. 2019.

GLOBO. Hit de Grandmaster Flash encabeça lista de maiores canções de hip-hop. Globo.com, 2012. Disponível em: <
<http://g1.globo.com/musica/noticia/2012/12/hit-de-grandmaster-flash-encabeça-lista-de-maiores-canções-de-hip-hop-1.html>>. Acesso em: 2 nov. 2019.

GLOBO. Mostra reúne intervenções de Drika Chagas no centro histórico de Belém, agos. 2015. Disponível em: <
<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2015/08/mostra-reune-intervenções-de-drika-chagas-no-centro-historico-de-belem.html>>. Acesso em: 28 out. 2019.

GOMES, L.N. O grafite como forma de influenciar o turismo de uma região: o caso do boulevard olímpico na cidade do Rio de Janeiro. 2017. 103p. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Turismo) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro. Disponível:<<https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/5166/1/LEONARDO%20NASCIMENTO%20GOMES.pdf>>. Acesso em 7 out. 2019.

HIP HOP DE BELÉM. História do Hip Hop de Belém, fatos, fotos e memórias de 1984. 2018. Disponível em: < <http://estilodebelemhiphop20anos.blogspot.com/>>. Acesso em: 2 nov. 2019.

HOEBEL, E. Adamson e FROST, Everett L., Antropologia Cultural e Social: Edição 9, São Paulo: Editors Cultrix. 1999.

HONORATO, G. MARINHO, F. Grafite: da marginalidade às galerias de arte, sd. Disponível em: <
<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1390-8.pdf>>. Acesso em 2 nov. 2019.

HOWES, David et al. The Sensory City Workshop: Sensing the City through Touch and Taste. 2013. Série de Artigos organizados por Centre for Sensory Studies, Concordia University-Montreal. Disponível em: <
<http://centreforsensorystudies.org/the-sensory-city-workshop-sensing-the-city-through-touch-and-tast>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

LIMA, Mariana Poncio de. Muros, Cores e Ideias: Uma análise sociológica com grafiteiros de Curitiba e de São Paulo. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2013.

JACOBS, Jane, Morte e Vida de Grandes Cidades. São Paulo: Martins Fonte, 2007.

LA NACION, 2018. Los grafitis y eslóganes de Mayo del 68. Disponível em: <<https://www.lanacion.com.py/tenes-que-saber/2018/03/20/los-grafitis-y-esloganes-de-mayo-del-68/>>. Acesso em: 2 nov. 2019.

LAU, F. Pichação ganha força política com intervenção de Dória, conexão jornalismo, jan. 2017. Disponível em: <<http://www.conexaojornalismo.com.br/conexao-mix/pichacao-ganha-forca-politica-com-intervencao-de-doria-13-46254>>. Acesso em: 23 nov. 2019.

MAIA, A.K.A. Grafite urbano como processo folkcomunicacional. XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Mossoró - RN – 12 a 14/06/2013. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2013/resumos/R37-1170-1.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2019.

MARTINS, Simone R.; IMBROISI, Margaret H. Grafite. 2019. Disponível em: <<https://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-seculo-20/grafite/>>. Acesso em: 2 nov. 2019.

MELLO, Luiz Gonzaga de Antropologia Cultural: iniciação, teoria e temas/Luiza Gonzaga de Mello. - Petrópolis, Vozes, 2001.

MODELLI, L. De crime a arte: a história do grafite nas ruas de São Paulo. Terra, jan., 2017. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/de-crime-a-arte-a-historia-do-grafite-nas-ruas-de-sao-paulo,197bfeb1f2f807f347a9d9c830fffcdezurbhdo.html>>. Acesso em: 28 out. 2019.

MONTEIRO, V. Não se trata de estética, Esquerda online, 2017. Disponível em: <<https://esquerdaonline.com.br/2017/01/26/nao-se-trata-de-estetica/>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

MORGADO, M. Cão Fila Km 26, 2011. Disponível em: <<https://mauriciomorgado.com.br/2011/04/01/cao-fila-km-26/>>. Acesso em: 22 out. 2019.

NUNES, S.G.C. Os grafites de drika chagas: uma trajetória visual entre símbolos e signos da cultura amazônica, XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Foz do Iguaçu, PR – 2 a 5/9/2014. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-1957-2.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

OLIVEIRA, N. Movimento de hip hop do Pará recebe medalha de Direitos Humanos, Observatório do terceiro setor, 2016. Disponível em: <<https://observatorio3setor.org.br/noticias/movimento-de-hip-hop-do-para-recebe-medalha-de-direitos-humanos/>>. Acesso em: 4 out. 2019.

PAULA, B.X. O movimento hip hop e a construção da identidade negra/juvenil. Revista da ABPN, v. 2 n. 5, 2011. Disponível em: <<http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/339>>. Acesso em: 5 nov. 2019.

PORTALCULTURA. Drika Chagas ministra ateliê de grafite, 2016. Disponível em: <<http://www.portalcultura.com.br/node/47057>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

RAMOS, Célia Maria Antonacci. Grafite, pichação & cia. São Paulo: ANNABLUME, 1994.

SABOYA, Renato T. de Segurança Nas Cidades: Jane Jacobs E os Olhos da Rua. Disponível em: <<http://urbanidades.arq.br/2010/02/seguranca-nas-cidades-jane-jacobs-e-os-olhos-da-rua/>>. Acesso em: 21.fev.2019

SCANDIUCCI, G. Cultura hip hop: um lugar psíquico para a juventude negro-descendente das periferias de São Paulo. Imaginário, São Paulo, v. 12, n. 12, p. 225-249, jun. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413666X2006000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 dez. 2019.

SILVA, E. L., A gente chega e se apropria do espaço! Graffiti e pichações demarcando espaços urbanos em Porto Alegre. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2014.

SILVA, G.L. Expressões gráficas urbanas, SD. Disponível em: <<http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/2734/2/Gustavo%20Lassala%20Silva2.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2019.

SILVA, M.L; TOURINHO, H.L. Z. Território, territorialidade e fronteira: o problema dos limites municipais e seus desdobramentos em Belém/PA. urbe, Rev. Bras. Gest. Urbana, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 96-109, abr. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217533692017000100096&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06 dez. 2019.

SILVA, V. As escritoras de grafite de porto alegre: um estudo sobre as possibilidades de formação de identidade através dessa arte. 2008. 112p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/bitstream/123456789/1566/1/Vivian_Silva_Dissertacao.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2019.

SILVA, G. Dina Di: a saudosa rainha do Rap, La parola, 2015. Disponível em: <<https://laparola.com.br/dina-di-a-saudosa-rainha-do-rap>>. Acesso em 24 nov. 2019.

SOUZA, A. O vocabulário do Graffiti, 2009. Disponível em: <<https://gembh.wordpress.com/2009/05/21/205/>>. Acesso em: 7 nov. 2019

SPEEDMUSEUM. 2016. OUTDOOR FILM SCREENING: BEAT STREET. Disponível em: <<https://www.speedmuseum.org/event/outdoor-film-beat-street/>>. Acesso em: 1 nov. 2019.

SURICO, J. Como as Gangues de Nova York dos Anos 70 se Juntaram para Acabar com suas Guerras, Vice, jun., 2015. Disponível em: <https://www.vice.com/pt_br/article/8q4de5/como-as-gangues-de-nova-york-dos-anos-70-se-juntaram-para-acabar-com-suas-gue>. Acesso em 7 out. 2019.

WASHINGTONPOST, 2016. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/news/on-leadership/wp/2016/03/16/this-is-how-the-u-s-stacks-up-against-the-worlds-happiest-countries/?arc404=true>> Acesso em: 4 nov. 2019.

ZIMBIO. Afrika Bambaataa, 2015. Disponível em: <<http://www.zimbio.com/photos/Afrika+Bambaataa/Guggenheim+Young+Collectors+Party/eKQXj3A28SV>>. Acesso em: 4 nov. 2019.

ZUIN, A.L. O grafite da vila madalena: uma abordagem sociosemiótica. 7ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação, sd. Disponível em: <<file:///E:/Downloads/571-1829-1-PB.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2019.